

CEDI

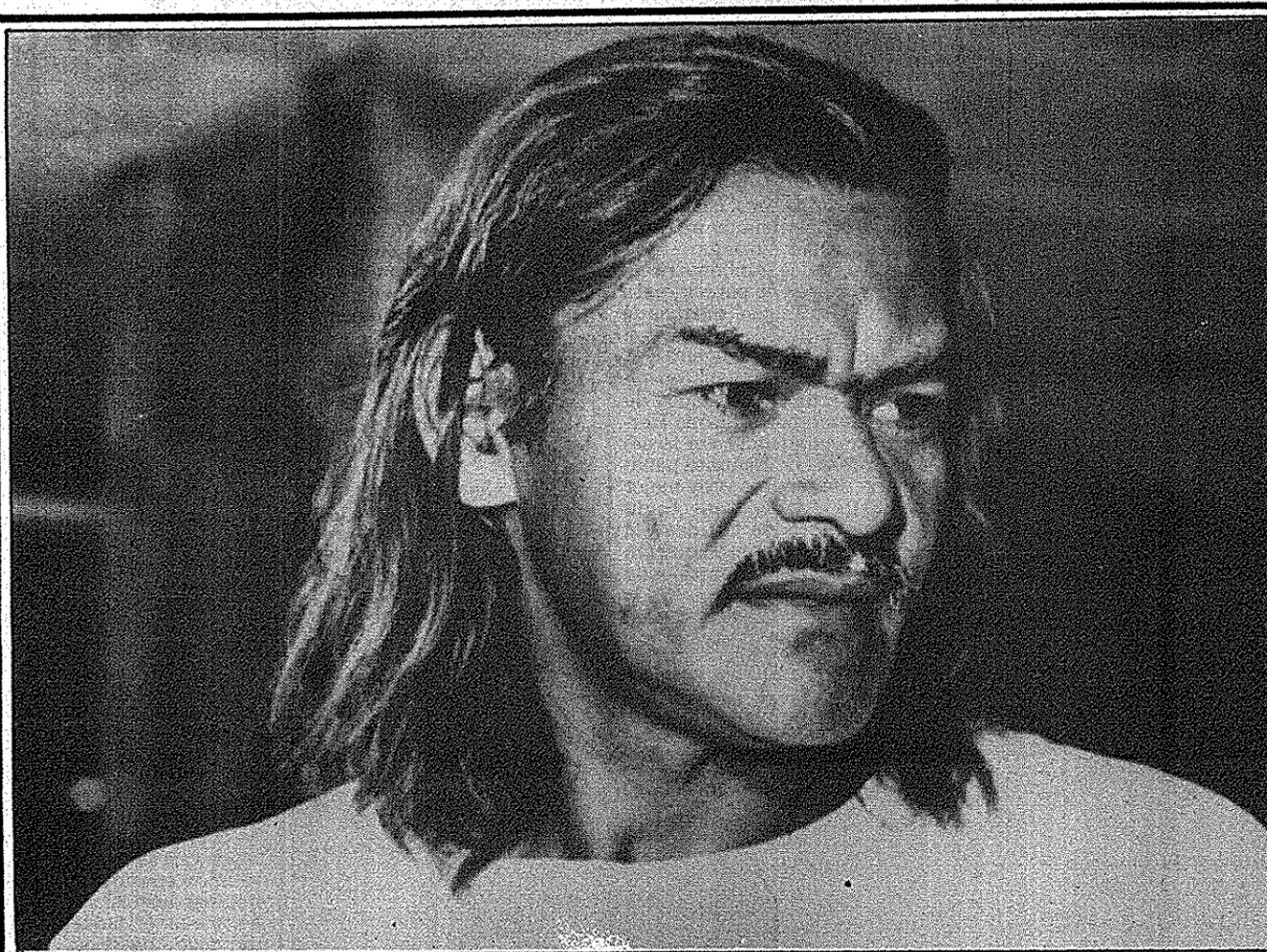
Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Tribuna de Minas Class.: 200

Data: 28/09/88 Pg.: _____

Tensão no julgamento dos matadores de índios

A tranquilidade é aparente. Ontem, dois incidentes mostraram que os agentes federais estão trabalhando sob tensão



RODRIGÃO

O cacique e funcionário da Funai se defende. Companheiros de taba contra-atacam

Rodrigo rebate críticas e pede justiça

Depois de inúmeras denúncias de violência e abuso de poder do cacique da tribo Xakriabá (também funcionário da Funai), Manuel Gomes de Oliveira, mais conhecido pelos índios como Rodrigo, declarou estar sendo injustiçado pela imprensa e os representantes do Conselho Indigenista Missionários, (CIMI), na tarde de ontem.

Falando pouco e se comportando como vítima, Rodrigo disse que foi eleito em 1969, começou a trabalhar na Funai em 74 e os conflitos são causados por um grupo pequeno de Xa-

kriabá, influenciados pelo Cimi. Ele negou inclusive muitas das acusações constantes na CPI da Assembleia, que apura as violências dentro da reserva de Itacarambi. "A Funai é um órgão de apoio, que vem ajudando os índios. Eu não aceito um índio ser contra ela", enfatizou. O cacique ainda lembrou que os posseiros foram expulsos da área, mas ficaram os Xakriabá não puro. Este, na sua avaliação, são os principais alvo dos conflitos.

Mas os índios não concordam com a opinião do cacique Rodrigo. Segundo

Raimundo Gomes de Oliveira, Manuel Gomes de Oliveira só leva agressão para dentro da tribo. "Ele quer afastar o Cimi porque os missionários esclarecem nossos direitos e ajuda o povo". Raimundo de Oliveira ainda o acusou de estar sempre bêbado e abusar do poder.

Opinião semelhante apresentou Laurindo Gomes de Oliveira, um dos líderes da reserva, que desde 74 lutou pela demarcação da reserva, por parte da Funai. Na sua avaliação, a liderança de Rodrigo está

em queda entre os Xakriabá, por causa de seu comportamento agressivo e o vício em bebidas alcólicas. Na sua avaliação, os índios ainda não o depuseram do cargo, porque têm pouco conhecimento. O vice presidente do Cimi, Fábio Villas, informou, que quando os missionários chegaram à Itacarambi, já existia o clima de insatisfação e revolta com a Funai e o cacique Rodrigo.

"O que nós fizemos e não agradou a nenhum dos dois foi a divulgação dos fatos através da imprensa", explicou.

Apesar da aparente tranquilidade em que transcorre o julgamento dos acusados pela chacina dos índios Xakriabá, no 1º Tribunal de Júri do Forum Lafayette, pelo júri Federal, a tensão por parte dos agentes federais responsáveis pela segurança, pode ser sentida em dois pequenos incidentes acontecidos ontem. No final da tarde, um barulho inusitado fez diversos agentes correrem: era um indiozinho de aparentemente três anos que, ao brincar nas cordas de isolamento, derrubou um suporte de ferro. A criança, diante dos olhares até aliviados dos policiais, ficou constrangida e não saiu do lugar. Pela manhã, os agentes da Polícia Federal recolheram um pacote de pão de queijo que, segundo alguns, os advogados de defesa doaram para os índios Xakriabá, que assistiam ao julgamento. O alimento será analisado.

Ao lado dos pequenos incidentes, transcorre no Tribunal uma burocracia necessária e morosa. Pela manhã foram lidos os longos autos do processo e iniciou o depoimento das testemunhas de acusação, três, Gilmar Luís de Oliveira, Waldir Nunes de Oliveira, filho de Rosalino Gomes de Oliveira que assistiu ao assassinato do pai escondido em cima de uma parede e José Camilo Fernandes. Um dos jurados interrogou incessantemente as testemunhas. Questinado pelo Juiz Antônio de Paulo Oliveira, justificou seu comportamento na busca de esclarecimento das dúvidas. Mas o juiz o advertiu para não externar suas conclusões, uma vez que o jurado se estendeu nas justificativas, mesclando-as com opiniões.

Para Gilmar Luiz de Oliveira, sobrinho do vice cacique morto, o assassino de Rosalino de Oliveira é mesmo Francisco Amaro. Ele afirmou ter visto o grileiro na aldeia no momento do crime, relato semelhante apresentou o filho de Rosalino de Oliveira, Waldir Nunes de Oliveira. Ele descre-

veu em juízo as cenas assistidas na madrugada do dia 12 de fevereiro do ano passado. Com a chegada dos agressores, o filho de Rosalino Oliveira se escondeu em cima de uma parede até o momento em que eles foram embora, após assassinar seu pai, ferir sua mãe Anísia Nunes de Oliveira, e matar um terceiro, José Pereira. Ele ainda disse ter visto pela fresta entre a parede e o telhado os agressores de Manuel Fiuza, que morreu a caminho do hospital após o tiroteio.

Mas foi José Nunes de Oliveira, 11 anos, filho do vice-cacique assassinado, que se mostrou o mais traumatizado. Com a voz tolhida na garganta ele contou ontem que os assassinos, cerca de 13, arrombaram as portas, dispararam tiros contra o pai, a mãe e outro índio que estava dormindo, depois o obrigaram a arrastar o corpo de Rosalino de Oliveira para fora do quarto. "Eles encostaram a arma no meu peito e disseram que se eu não o fizesse me matariam", disse emocionado. Temerosos, José Nunes pretende ver os assassinos de seu pai na cadeia. "Se eles voltarem vão matar mais gente".

Ao final do depoimento das testemunhas de acusação, o advogado de defesa dos acusados, Ariosvaldo Campos Pires, pediu ao Juiz a dispensa das testemunhas de defesa, justificando que já havia transcorrido mais de 24 horas, desde o início do julgamento tanto o representante do Ministério Público quanto a acusação recusou alegando ser alguns depoimentos indispensáveis para a conclusão dos jurados. As oito testemunhas de defesa iniciaram depoimentos por volta das 18 horas. O primeiro a depor foi o prefeito de Itacarambi, José de Paulo. Para hoje está sendo esperado a etapa mais quente do julgamento: o debate entre acusação e defesa, dominadas pelos advogados Décio Fulgêncio e Ariosvaldo Campos Pires.